

**Entendeu ou quer que descomplique?
Noções verticais de ensino na plataforma digital Descomplica**

*Did you get it or should I make it simple?
Vertical notions of teaching at the online platform Descomplica*

Igor Fonseca SILVA¹
Inara da Silva SANTOS²
Isabela Logrado Fanaia PESSOA³
Verbena Córdula ALMEIDA⁴

Resumo

Este trabalho apresenta uma reflexão acerca da plataforma de ensino virtual Descomplica, tendo como foco o seu princípio pedagógico. O objetivo principal é observar se o modelo de “educação bancária” descrito por Freire (1987) está inserido como prática pedagógica no canal. As análises se baseiam em três videoaulas das áreas de História, Sociologia e Filosofia, disponibilizadas gratuitamente no *YouTube*. O estudo está ancorado em teóricos como Paulo Freire (1987/1996), Kaplún (1998), Barros (2011), Citelli (2018) e outros, que discutem acerca da educação crítica e horizontal, do entrelace entre Comunicação e Educação, da Educação em tempos de tecnologia, entre outros. Foi possível observar que didática utilizada pela plataforma possui abordagens educacionais pautadas em uma lógica estrutural liberal, na qual a promoção de conhecimento é a última prioridade.

Palavras-chave: Descomplica. Educação e Comunicação. Educação bancária. Verticalismo.

Abstract

This article presents a reflection on the e-learning platform Descomplica, and focuses on its pedagogical principles. The main goal is to observe if the “banking model of education” described by Freire (1987) is inserted as a pedagogical practice in the channel. The analysis is based on three video lessons from the fields of History, Sociology and

¹ Graduando do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.
E-mail: ifsilva.cos@uesc.br

² Graduando do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.
E-mail: issantos.cos@uesc.br

³ Graduando do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.
E-mail: ilfpessoa.cos@uesc.br

⁴ Doutora em História e Comunicação no Mundo Contemporâneo (Universidad Complutense de Madrid);
Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.
E-mail: vcalmeida@uesc.br

Philosophy, with free distribution on YouTube. The study is anchored in researchers such as Paulo Freire (1987/1996), Kaplún (1998), Barros (2011), Citelli (2018) and more, that discuss critical and horizontal education, the interweave between Communication and Education, among other subjects. It concludes that the didactic used by the platform has educational approaches based in a structure and a logic filled with liberal values, where the promotion of knowledge is the last priority.

Keywords: Descomplica. Education and Communication. Banking model of education. Verticalism.

Introdução

Na era da informação, novos recursos, linguagens e tecnologias surgem diariamente e inundam a vida de todos com imagens, sons, vídeos e textos em um fluxo ininterrupto. Quando a pandemia da Covid-19 impôs medidas restritivas de distanciamento social no mundo todo, foi notável o papel assumido pela educação à distância nesse período (e nos dias atuais). É possível afirmar que a internet e suas plataformas digitais se apresentam como uma ótima possibilidade à educação, uma vez que é equipada com recursos que permitem uma gestão e organização integrais do ato educativo, bem como incluir nele alunos de faixas etárias, localidades e níveis de ensino distintos (LOPES; GOMES, 2020).

Com a infinidade de opções disponíveis, nem todas as plataformas conseguem se consolidar e ganhar o público. Entretanto, este não é o caso do *YouTube*. A plataforma *online*, criada em 2005, com foco no compartilhamento de vídeos, dissemina conteúdos variados. Em 2013 foi criado o *YouTube* EDU, em parceria com o *Google* e a Fundação Lemann, no qual são disponibilizadas videoaulas para variadas disciplinas.

Segundo a pesquisa *Video Viewers*⁵, 9 em cada 10 brasileiros fazem uso da plataforma para obter conhecimento (MARINHO, 2018). Outro estudo divulgado pelo portal Convergência Digital e realizado pela Statista, empresa de pesquisas especializada em dados de consumidores e mercado, apontou que, ao final de 2021, o *YouTube* era a rede social mais acessada pelos brasileiros, com um número expressivo de 89% de

⁵ Disponível em:

<chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.thinkwithgoogle.com/_qs/document/s/6626/twg_videoviewers_infographic.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2022.

usuários dentre o grupo de pessoas que acessam as mídias sociais diariamente – 159 milhões de pessoas.

Mas é necessário que apenas quem possui os meios de acesso à rede pode obter esse recurso. A disparidade entre os grupos de crianças e adolescentes é um obstáculo frente a eminente realidade da educação virtual. Alunos da escola pública possuem menos acesso à internet via computadores (43,0%), televisão (26,8%) e *tablets* (8,5%) do que os da rede privada – que, nos mesmos meios, totalizam respectivamente 81,8%, 51,1% e 23,1% (IBGE, 2019).

Para a educação à distância ocorrer, é imprescindível também a construção de uma interação entre docente e discente, sendo possível concretizá-la através de fluxos comunicativos que possibilitam o ato educativo. Há uma inter-relação entre Educação e Comunicação, dada através de aspectos no campo teórico-prático que, estando integrados, buscam alcançar qualidade por meio de ações comunicativas e educativas. Ainda no âmbito da educação à distância, é pertinente fazer a diferenciação entre aula gravada e videoaula, como trabalhado em Priuli (2017). A primeira consta na gravação fiel de uma aula presencial, e o vídeo resultante deste processo não conta com a transposição da linguagem da aula para o meio audiovisual. Por sua vez, a videoaula consiste em uma transposição da linguagem de uma aula para um produto audiovisual. Logo, sua produção envolve elementos característicos desta forma de conteúdo, como a elaboração de um roteiro e a montagem. Assim, se trata de um vídeo adaptado para uma categoria específica, não podendo ser confundido com uma mera gravação feita sem planejamento.

Metodologia

Ao considerarmos os aspectos acima citados, este trabalho pretende analisar três videoaulas disponibilizadas gratuitamente na plataforma de ensino virtual Descomplica, que funciona através do *YouTube*, com o objetivo de observar se o modelo de “educação bancária” descrito por Freire (1987) está inserido como prática pedagógica no canal. Para isso, realizamos uma análise levada a cabo a partir da observação sistemática das informações disponibilizadas nas três videoaulas selecionadas.

A primeira delas, “O que é comunismo?”, foi selecionada para análise por se tratar de um tema que evoca certa polêmica e discussões no público, devido aos significados associados a ele pela mídia. Em especial, as significações reforçadas desde o período

eleitoral de 2018, que reforçaram a ligação entre o comunismo e quaisquer ideais que contrariassem os ultraconservadores e o liberalismo (MARIANI, 2019). Buscou-se identificar no vídeo, inserido no bloco de História, se a plataforma deixa implícito ou explícito algum posicionamento em relação ao tópico, e que mensagens podem ser interpretadas pelo público.

Já o segundo vídeo, intitulado “Esquerda e Direita: Qual a Diferença?”, foi escolhido por se tratar também de um conteúdo de História, cujos temas abordados permeiam discussões do cotidiano de grande parte da população brasileira. Desta forma, almejou-se com este trabalho verificar e apontar sob quais viés ideológicos a Descomplica apresenta o conteúdo.

Por fim, a escolha do vídeo “Movimentos Sociais”, inserido nas categorias Sociologia e Filosofia, justifica-se por se tratar de um conjunto de temas também facilmente relacionáveis ao dia a dia dos estudantes, como a luta feminista, o movimento negro e o capitalismo. Para além destes pormenores sobre os quais está amparada a escolha dos três vídeos, existe o objetivo geral deste estudo, que é verificar se a “educação bancária” descrita por Paulo Freire está presente ou não nos materiais. As disciplinas História, Sociologia e Filosofia, norteadoras dos assuntos abordados nos três vídeos, constituem por si só uma justificativa para a análise aqui realizada, a ser abordada posteriormente.

A pesquisa possui amparo em uma revisão bibliográfica a respeito de temas, tais como: educação crítica e horizontal (FREIRE, 1987/1996), educação na era digital (BARROS, 2011), entrelace entre educação e comunicação (KAPLÚN, 1998), (CITELLI, 2018) e (BACCEGA, 2009), assim como em dados sobre o próprio *YouTube* enquanto plataforma comunicacional e sua vertente educacional, imprescindíveis para dar suporte às análises, auxiliando na fundamentação no que se refere ao objetivo deste trabalho. A análise propriamente dita dos materiais considerará três fatores: se as aulas fogem à superficialidade, se abrem espaço para a criticidade e se ocorrem de modo a valorizar a horizontalidade. Sendo assim, as observações acerca dos três materiais da Descomplica escolhidos partem de uma abordagem qualitativa, já que busca compreender a partir de descrições, comparações e atitudes se o modelo bancário proposto por Freire (1987) estrutura as aulas dos vídeos analisados.

Educação e comunicação na era digital

Para compreender a educação e a comunicação no contexto digital, faz-se necessário, em primeiro lugar, delimitarmos qual modelo de comunicação promove a capacidade de aliar os princípios transformadores da educação, com o potencial dos recursos tecnológicos da comunicação. Para tal, reconhecer a coletividade como característica inerte das interações sociais é o primeiro passo.

É possível imaginar um processo de troca, com ampla participação de todos os envolvidos na estrutura escolar. Sobre a questão, Kaplún (1998, p. 64, tradução nossa)⁶ defende que “a verdadeira comunicação não se pauta por um emissor que fala e um receptor que escuta, mas sim por dois ou mais seres ou comunidades humanas que intercambiam e compartilham experiências, conhecimentos, sentimentos [...]”. Isso forma a base para mapear a interconexão entre o ato de comunicar e a prática educativa.

Citelli (2018) reconhece o pioneirismo de Kaplún ao promover a aglutinação entre esses dois campos do conhecimento, e na proposição do neologismo “Educomunicação” na qualidade de área emergente e convergente. Mas alerta para o fato de tal convergência ter surgido como seqüela da midiaticização da sociabilidade; e ressalta que o processo também engloba o choque existente entre a massificação das plataformas comunicacionais e a natureza do exercício da pedagogia no ambiente escolar.

Para Barros (2011, p. 4), “os saberes, embora difusos e fragmentados, são cada vez mais amplos e diversificados e estão em constante transformação, em razão dos mesmos avanços tecnológicos que imprimem novas formas de pensar”. Assim, o movimento de confluência entre Comunicação e Educação é intrínseco ao desenvolvimento dos saberes humanos, vide a interferência da tecnologia em cada salto qualitativo dado em nome do progresso intelectual e social. Mas o autor ressalta que a execução técnica do audiovisual não deve se sobrepor à qualidade do conteúdo fornecido aos estudantes.

Baccega (2009) elenca o controle da informação, a abrangência totalitária, a constituição de sentidos socioculturais, a transdisciplinaridade, e a capacidade de veículos midiáticos mediar e moldarem a percepção da realidade como alguns dos desafios para

⁶ No original: “La verdadera comunicación no está dada por un emisor que habla y un receptor que escucha, sino por dos o más seres o comunidades humanas que intercambian y comparten experiencias, conocimientos, sentimientos [...]” (KAPLÚN, 1998, p. 64).

transformar a comunicação em aliada de um projeto de educação transformador. Por isso, é imprescindível reconhecer o caráter influenciador da comunicação, na forma como ela é executada por grandes plataformas midiáticas. O potencial da simbiose entre os dois campos (Educação e Comunicação) fica evidente a partir do que defende Baccega, para além da reprodução de modelos hegemônicos de transmissão de informação, na qual o foco na lucratividade e o cerceamento das discussões são regras.

O atual panorama da educação brasileira

Nesse cenário, surge a necessidade de avaliar o Descomplica. Desde o seu surgimento como uma *startup* de educação *online*, fundada pelo professor e empreendedor Marco Fisbhen em 2011, a plataforma vem se consolidando, ao longo da última década, como um exemplo dominante do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) dentro do cenário nacional. Seu campo de atuação se subdivide em cinco categorias: escolas, vestibulares, universidades, concursos e pós-graduação.

O canal do *YouTube* da marca possui 4,07 milhões de inscritos. É através dele que são distribuídos os conteúdos gratuitos – dentre eles, as videoaulas – ao público geral. São mais de 4 mil vídeos publicados, que totalizam aproximadamente 299 milhões de visualizações⁷. Contudo, para ter acesso a um material mais completo e ao suporte especializado, o usuário deve pagar uma assinatura mensal no site da empresa. Os planos garantem ao aluno recursos como acesso à comunidade de inscritos, contato mais direto com os professores e cursos mais intensivos e específicos para todas as áreas das provas de admissão nas universidades.

Na atual estrutura de Ensino Básico, está implementada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), vulgarmente conhecida como Novo Ensino Médio, através da Lei nº 13.415/2017. Por meio dela, a formação geral tem apenas 600 horas, e Língua Portuguesa e Matemática se tornam as únicas disciplinas obrigatórias do currículo escolar das três séries do Ensino Médio. Isso acarreta uma formação limitante, na qual os conteúdos promovidos não abrangem uma quantidade satisfatória de áreas do conhecimento humano.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/@descomplica/about>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

A exemplo disso, temos o uso da matriz de referência do ENEM para humanidades e ciências sociais. Cinco disciplinas – História, Filosofia, Sociologia, Geografia e Atualidades – estão comprimidas, pela BNCC, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Todas elas compreendem campos do conhecimento vitais para o desenvolvimento estudantil, mas é preciso destacar as três primeiras como alvos especiais. Por serem pautadas em formação coletiva, política e identitária, merecem uma atenção redobrada (OLIVEIRA, 2019).

De acordo com Laville (1999), a História, a princípio, era ensinada através de fatos seletos e da fortificação de mitos que corroboram com uma determinada visão de mundo que, em geral, disseminava ideologias dominantes. Assim, ela consolidava na população uma origem de nação branca e cristã (BITTENCOURT, 2018). Portanto, uma vez que as nações estivessem estabelecidas e seguras, não haveria mais a necessidade de conceber o ensino de História de forma instrumental e institucionalizada, com este viés de propaganda anteriormente citado.

Ademais, os papéis do ensino da Filosofia e Sociologia são descritos por Moraes (1999, p. 5) como sendo “saberes e práticas e envolvem tecnologias necessários e insubstituíveis na formação, não só da cidadania – se é que a cidadania é compreendida tão estritamente, ao que parece, como exercício do voto –, mas do indivíduo como ser humano”. Por isso se ressalta a importância de se trabalhar ambas as disciplinas com maior responsabilidade, também atentando ao fato de que elas são formas de conhecimento básicas de uma educação humanista, tanto como processo quanto como produto (MORAES, 1999).

Tendo em vista a limitação das disciplinas dentro do ambiente escolar, ferramentas como o canal Descomplica têm seu potencial e importância elevados, como fonte mais abundante dos conteúdos que deveriam ser aplicados em sala de aula. Perante a questão, a partir do que é lecionado nas disciplinas de História, Filosofia e Sociologia, é relevante analisar como elas são apresentadas e ensinadas na plataforma digital. Isso leva em consideração seus potenciais enquanto formadoras políticas da juventude, aliadas a suas diluições após a efetivação da BNCC.

Para tal, três videoaulas do canal Descomplica, dentro daquelas disponíveis gratuitamente no canal do *YouTube*, referentes às disciplinas citadas, formam o objeto de análise. Os critérios abarcados para a seleção envolvem os conteúdos ministrados, o diálogo estabelecido entre eles, a atual conjuntura sociocultural brasileira, assim como os

mecanismos audiovisuais empregados para a transposição didática. Cada vídeo se enquadra em um formato diferente da Descomplica, de modo a compreender as diferentes abordagens educomunicacionais pensadas e executadas pela instituição.

Aprender é para todo mundo?

O primeiro material analisado é intitulado “O que é comunismo?”, e pertence ao formato “Quer que desenhe?”. O nome do quadro faz referência à expressão informal “entendeu ou quer que eu desenhe?”, utilizada quando alguém deseja evidenciar a obviedade da mensagem passada, reforçando que se trata de algo tão facilmente compreensível que o ouvinte, incapaz de entendê-la de primeira, necessita de uma versão “ilustrada” e simplificada. Aqui, já é possível observar o que Freire (1987) chama de “alienação da ignorância”. Inserida na perspectiva da “educação bancária”, este conceito pressupõe que a ignorância está sempre no outro: o educando. No vídeo, mapas mentais são animados via computação gráfica, com o objetivo de trazer uma perspectiva sensorialmente estimulante ao público. O arquivo original do mapa mental é disponibilizado junto ao vídeo, para ser utilizado pelo estudante após assisti-lo. A estratégia contemporânea abre campo para a discussão da eficiência dos métodos do grupo. Ao ponderar sobre o efeito de aulas produzidas em vídeo nos alunos, Kaplún (1998, p. 28, tradução nossa)⁸ afirma que elas “[...] não deixam um espaço ou respiro sequer ao espectador, para que ele possa pensar por conta própria, e (re)criar sua própria elaboração. O bombardeio com imagens, com efeitos sonoros [...] e lhe dão, já digerida e mastigada, uma conclusão própria”.

A videoaula apenas segue um roteiro com um “apanhado” histórico acerca do conteúdo, através da citação dos autores ou das conceituações dos termos, sem instigar a pensar no impacto e nas implicações envolvidos no contexto sociopolítico da implementação do comunismo em variadas nações ao longo do século XX; muito menos em relação aos processos atuais referentes ao assunto discutido. Não estimula o desenvolvimento da criatividade, da reflexão e da consciência crítica, convergindo, deste modo, com o que Freire (1987) diz acerca das relações educador-educandos no modelo

⁸ No original: “[...] no le dejan un espacio, un respiro siquiera, al espectador para que él pueda pensar por su cuenta, re-crear su propia elaboración. Lo bombardean con imágenes, con efectos sonoros [...] y le dan, ya digerida y masticada, su propia conclusión” (KAPLÚN, 1998, p. 28).

“bancário”, as quais se baseiam de forma bem marcante na narração e dissertação dos materiais didáticos, em que os alunos se tornam objetos pacientes e ouvintes.

Puro “extrato” da educação bancária

O segundo vídeo analisado é intitulado “Esquerda e Direita: Qual a Diferença?”, pertencente ao quadro “Plantão Descomplica”. Diferenciando-se do modelo de mapa mental animado, esta videoaula assume uma identidade visual e sonora já bastante conhecida aos espectadores habituados ao que é popular no YouTube. Nela, a professora fala diretamente para a câmera, interpelada por constantes cortes com *zoom in* e *out*, comumente utilizados por criadores de conteúdo para conferir dinamicidade ao material e gerar uma conexão de familiaridade com os espectadores. Assim como no “Quer que desenhe?”, o texto performado por Natasha Piedras, professora de História da plataforma, não abre brechas para interpretações diversas. Seu discurso reflete o puro suco da educação bancária, trazendo informações como fatos indiscutíveis.

Nos primeiros segundos de vídeo, a moça se apresenta como “Natasha Piedras, Professora de História”, que é a primeira informação exposta no produto. Demarcar logo de início a imponente de um título como “professora”, neste caso, apenas corrobora com a construção da figura do educador como o que educa, o que sabe, o que possui autoridade para falar; enquanto o aluno, que não sabe, escuta, e é passivamente educado (FREIRE, 1987).

Para explicar as diferenças dentro do espectro que abarca os conceitos de esquerda e direita políticas, Piedras inicia sua aula comentando os processos históricos que culminaram na criação dos termos. Em seguida, ela cria uma linha que vai de um extremo a outro, desta forma: extrema esquerda, esquerda, centro-esquerda, centro-direita, direita e extrema direita. Ela descreve a extrema esquerda como uma linha ideológica radical que defende a transformação da sociedade através da extinção do capitalismo e da intervenção de um Estado autoritário, além de não se preocupar com a democracia. Em seguida, caracteriza a esquerda como um movimento menos radical, que ainda faz críticas pontuais ao capitalismo, mas pensa em sua reforma, ao invés da abolição. Nessa perspectiva, através de pequenas transformações, seria alcançado um capitalismo menos desigual e discrepante, e mais justo. Não é mencionado pela professora Piedras que a desigualdade da qual ela fala está, para muitos pesquisadores, indissociável deste modelo

econômico (ESTENSSORO, 2003), o que seria um bom momento para estimular o pensamento crítico acerca de quais seriam as origens da inegável disparidade de classes.

Em seguida, Natasha Piedras inicia o que é, certamente, a seção mais intrigante da videoaula: a definição da centro-esquerda. Diz que centro-esquerda pode até criticar o capitalismo, mas o faz de maneira menos contundente, afinal, “eles já entenderam que o capitalismo chegou para ficar”. Com esta simples afirmação, um fato é estabelecido: o capitalismo venceu, e quaisquer alternativas que o contrariem não passam de meras utopias que devem ser deixadas de lado. Um paradoxo ao que Freire (1996, p. 33) classifica como o professor adequado: “[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’”. O estilo de Natasha Piedras não deixa espaço para debates, e, por esse viés, é possível compreender o motivo por terem omitido um discurso mais aprofundado sobre as desigualdades sociais. Afinal, se o capitalismo é um sistema irrevogável, discutir suas consequências e extinção seria perda de tempo.

O processo de memorização mecânica se torna ainda mais preocupante, uma vez que se trata de um discurso com grande potencial de fechar a mente dos estudantes em uma visão simplista, errônea e sem fundamentos da realidade, já que ela nem mesmo cita fontes históricas durante o vídeo. Assim, não há um aprendizado verdadeiro, pois, conforme adverte Freire (1986, p. 28), “a memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico [...]”.

Piedras prossegue explicando o lado da direita do espectro, começando pela extrema direita, que é definida por defender um Estado autoritário – assim como a extrema esquerda – e o ultranacionalismo, além de atacar grupos minoritários. Os exemplos citados são o nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália. Ao colocar os extremos da esquerda e da direita em pé de igualdade, sem maiores explicações sobre algumas diferenças cruciais entre o nazismo e o comunismo, por exemplo, a professora põe essas duas ideologias em um mesmo patamar. E não situa os conceitos abordados na sociedade atual, bem como na realidade dos estudantes – isso é visto quando afirma que o fascismo e o nazismo são fenômenos que ficaram no passado.

Em seguida, a professora Natasha Piedras comenta que, para evitar reducionismos, é importante ter em mente que todos aqueles conceitos são muito

complexos. Aqui, outro problema: um vídeo tão curto como esse não faz nada além de um exercício eficaz de reducionismo, embalado em papel de presente com o rótulo que diz “conteúdos para o ENEM”. “Vestido” de aula de História, vemos um discurso parcial e dúbio do fazer histórico, que não cita fontes e não se preocupa em explicar absolutamente nada de forma aprofundada.

O vídeo se encerra com um convite para o aluno “estudar com a Descomplica” clicando no *link* e acessando a plataforma paga da empresa. Demonstra os motivos pelos quais ali, naquele espaço, o capitalismo venceu e “chegou para ficar”. Mesmo trazendo uma fala (vazia) que aparenta, à primeira vista, suscitar o pensamento crítico nos estudantes ao sinalizar a complexidade do assunto, fica nítida a posição em que a Descomplica está em relação ao seu público. É apenas neste exercício de mistificação da realidade em que podemos encontrar o capitalismo humanitário mencionado por Piedras no vídeo, floreado com suas noções esvaziadas e vagas de igualdade e justiça para todas as pessoas.

É pra descomplicar ou limitar, “filhote”?

Em contraponto aos trabalhos já analisados, a videoaula “Movimentos Sociais” está classificada no bloco Filosofia e Sociologia. Em primeiro lugar, é preciso destacar esta curiosa inserção. As duas disciplinas pertencem a campos distintos do conhecimento humano, ainda que possam compartilhar objetos de estudo semelhantes. Ao tratá-las como algo único, sem distinguir suas perspectivas teóricas e metodológicas, a Descomplica reforça dois aspectos: (1) a diluição das Ciências Humanas e das Ciências Sociais pela BNCC; (2) o descompromisso com as potenciais especificidades dos assuntos tratados, em especial por abordar questões densas como as ondas feministas e a luta antirracista.

O vídeo é uma produção para o Revisão ENEM, formato em que os materiais audiovisuais são explicitamente focados no conteúdo abarcado pelo Exame Nacional do Ensino Médio. O objetivo é preparar o estudante para possíveis questões presentes nele. Kaplún (1998) descreve as provas de múltipla escolha como uma aplicação ferrenha da tecnologia educacional, ao direcionar o indivíduo para uma reflexão específica. Apesar de o ENEM possibilitar o ingresso às universidades, ele ainda pertence a uma lógica de educação modeladora. Assim, ele contribui para as plataformas basearem suas técnicas

de ensino a partir do que a prova requer do aluno, para que o acúmulo de capital seja o fim alcançado por elas.

O argumento é reforçado pelas inserções mercadológicas presentes na fala da professora Lara Rocha. Nos primeiros 2 minutos, após a apresentação da temática, ela divulga um *e-book* contendo uma extensão dos assuntos abordados nos vídeos de Revisão. Ao final da aula, faz um chamado aos estudantes, estimulando a assinatura da plataforma virtual paga da Descomplica, de maneira a obterem acesso a uma ampla gama de materiais preparatórios. Lopes e Gomes (2020, p. 112) apontam que uma das finalidades da comunicação nas TICs é “comunicar em modo síncrono e assíncrono [e] assegurar o acompanhamento pedagógico”. No entanto, a Descomplica deixa nítido que o que realmente interessa é a relação de consumo. E, dessa forma, não há garantia plena, pública e equitativa do acesso às informações disseminadas pela empresa.

A composição estética da videoaula “Movimentos Sociais” simula uma sala de aula, ao colocar a profissional diante de um quadro negro com anotações. Lara Rocha faz uso de linguagem coloquial, humor e expressões como “filhote” para se referir aos espectadores da videoaula. A tentativa de estabelecer uma conexão com os estudantes é clara, com o objetivo de tornar o conteúdo atrativo e acessível. O uso da palavra no singular indica especificidade; é como se a professora falasse diretamente para o jovem que está assistindo à aula através do seu próprio equipamento. Todavia, como alerta Kaplún (1998), o efeito criado por estratégias como essa é o da pseudoparticipação. Visto que a aula é previamente planejada, não há interação efetiva entre educador e educando, tornando os métodos performativos, ao invés de pedagógicos.

Os estudos de Marcondes Filho (2012) sobre cibercultura complementam o ponto de vista. Ao refletir sobre a alteridade, ele afirma ser impossível a existência de interações plenas entre indivíduos nos espaços virtuais. Por mais que a gravação da aula apresente a professora em sua forma real, o fato de ser um material pré-determinado elimina quaisquer intenções da profissional, no que diz respeito a estimular nos espectadores algo além da mera compreensão das informações articuladas. Isto também vale para o apelido utilizado por ela ao se referir aos estudantes. A descontração da fala desperta a simpatia de quem assiste, mas não supera plenamente as barreiras impostas pelo formato videoaula.

Por ser um material introdutório da extensão encontrada na plataforma paga, os tópicos são abordados de forma condensada. Em particular, é sintomático o espelhamento

nos movimentos históricos ocorridos nos Estados Unidos e em seletos países do continente europeu. Souza (2017) descreve este fenômeno como algo inerente à intelectualidade brasileira, com o agravante de tais nações serem tratadas como os pináculos do exercício pleno da democracia, do funcionamento das instituições morais e sociais, assim como as detentoras do mais elevado capital cultural. Ao seguir com o raciocínio, é possível entender a persistência dessa abordagem pedagógica como herança de um projeto de poder, no qual a realidade nacional só pode ser validada caso seja um mimetismo da historiografia do Ocidente. Portanto, o Descomplica dá continuidade e serve como braço importante para perpetuar a deturpação de como o Brasil é apreendido. Fica perceptível que, por ter sido pensada para a veiculação de massa, é notória (e esperada) a falta de aprofundamento teórico, bem como de uma contextualização espaço-temporal-social que privilegie a vivência do espectador nesta videoaula, o que contribui para corroborar que a Descomplica está muito mais voltada para alcançar quantidade do que qualidade.

Considerações finais

Comunicação e Educação não estão desassociadas, mas integradas quanto às práticas de ensino e ao uso das tecnologias audiovisuais. As reflexões contidas neste trabalho discutem a viabilidade da plataforma digital da Descomplica no *YouTube*, enquanto ferramenta que ultrapassa as noções “bancárias” de educação. O termo cunhado por Paulo Freire (1987) traz a reflexão sobre a importância de uma educação libertadora, anti-depósito, na relação entre educador e educando. Observamos, entre outras questões, não haver uma relação dialógica entre os envolvidos no ambiente virtual de ensino, a predominância da abordagem conteudista, que anula a possibilidade de reflexão e, portanto, de criticidade, tudo isso a partir de conteúdos ministrados de modo superficial.

Percebemos, ainda, a ausência do apontamento das referências teóricas e práticas usadas pelas professoras, fato que impossibilita ao educando realizar associações com a sua realidade. Isto se torna mais prejudicial ao considerarmos que boa parte dos conteúdos transmitidos alude a contextos distantes dos cotidianos dos discentes. No caso da disciplina de História, por exemplo, analisar e criticar o modelo educacional da Descomplica se faz ainda mais necessário, uma vez observada a função social de formação e transformação humanas desta área do conhecimento.

Ficou notável que a plataforma Descomplica corrobora com a concepção de ensino de História que produz e reproduz discursos nos quais o aluno não vê outra perspectiva a não ser a de se conformar com a inegável vitória do capitalismo em detrimento da conseqüente derrota de outros modelos econômicos, por exemplo.

Por fim, se consolida a percepção de que as abordagens pedagógicas e educacionais de Descomplica se pautam em estruturas liberais, nas quais a promoção de conhecimento é a última prioridade. Os vídeos gratuitos funcionam como propagandas, cujo objetivo é atrair clientes para a plataforma paga, e retroalimentar o ciclo de “educação bancária”, no qual a pedagogia brasileira se edifica. Fica nítido, com isso, que a Descomplica se apresenta muito mais como uma iniciativa mercadológica do que propriamente educativa.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 19-28, set./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43579>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

BARROS, Laan Mendes de. Comunicação e educação: além de forma e conteúdo. **Revista Ação Midiática**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 4-20, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/25699>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 127-149, 2018.

CITELLI, Adilson Odair. Comunicação e educação: os movimentos do pêndulo. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-15, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/29914>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

CONVERGÊNCIA DIGITAL. **No Brasil, 159 milhões usam redes sociais diariamente. YouTube é o campeão**. Disponível em: <No Brasil, 159 milhões usam redes sociais diariamente. YouTube é o campeão - Convergência Digital - Internet (converenciadigital.com.br)>. Acesso em: 27 jan. 2023.

DURE, Deborah Michell; CEOLIN, Patrícia. O crescimento do youtube no Brasil e a popularidade do canal nostalgia. *In: Simpósio de Trabalhos Científicos das Faculdades Integradas Rio Branco*, 6. 2016. **Anais eletrônicos** [...] Rio Branco: 2016. p. 1-16.

Disponível em: <https://www.riobrancofac.edu.br/site/doc/simposios/2016/O-crescimento-do-youtube-no-Brasil_Deborah-Dure.pdf>. Acesso em: 04 Dez. 2022.

ESTENSSORO, Luis Enrique Rambalducci. **Capitalismo, desigualdade e pobreza na América Latina**. 2003. 286f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

KAPLÚN, Mário. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 125-138, 1999.

LOPES, Natália; GOMES, Anabela. O “boom” das plataformas digitais nas práticas de ensino: Uma experiência do E@D no ensino superior. **Revista Practicum**, Málaga, v. 5, n. 1, p. 106-120, jan./jun. 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura**. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MARINHO, Maria Helena. **Pesquisa Video Viewers: como os brasileiros estão consumindo vídeos em 2018**. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/_qs/documents/6626/twg_videoviewers_infographic.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2022.

MARIANI, Bethania. As formas discursivas e a ameaça comunista. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 270-289, jul./dez. 2019.

MARTIN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. *In*: SOUZA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002. p. 39-68.

MORAES, Amaury César. Por que Sociologia e Filosofia no ensino médio? *In*: CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (Org). **Sociologia e Ensino em debate**. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 105-112.

OLIVEIRA, Vítor Lins. O ensino de história no contexto do novo ensino médio. *In*: Congresso Nacional de Educação, 7., 2021. **Anais eletrônicos** [...] João Pessoa: 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA103_ID2274_24072021193055.pdf>. Acesso em: 14 out. 2022.

PIEDRAS, Natasha. **Esquerda e direita: qual a diferença?** Descomplica. 25 de janeiro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WoA38bfvQ-E>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

PRIULI, R. M. **Uma aula na cabeça, uma câmera na mão: a transposição para videoaula na formação de professores na perspectiva da complexidade.** 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

ROCHA, Lara. **Revisão ENEM.** Filosofia e sociologia: movimentos sociais. Descomplica. 12 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nu505BvywsU&t=3s>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava-Jato.** Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Nathalia. **O que é comunismo?** Descomplica. 13 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yXUQDIqw2AI>>. Acesso em: 05 nov. 2022.